

Investir na Saúde em África

Cenário para Reforçar os Sistemas na Procura de Melhores Produtos da Saúde



RESUMO

Porquê um cenário de investimento em África?

Investir nos sistemas de saúde da África é uma oportunidade para impulsionar o desenvolvimento e o crescimento económico, contribuir para salvar milhões de vidas e evitar incapacidades ao longo da vida, aproximando os países da consecução dos objectivos das estratégias nacionais de redução da pobreza e dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM).

Para promover um maior e melhor investimento na saúde, a Harmonização da Saúde na África concebeu o Cenário de Investimento para a África com estas finalidades:

- 1) ajudar os dirigentes africanos e os seus parceiros regionais e globais a centrar as atenções e os recursos num investimento profícuo em saúde;
- 2) dar aos Ministérios da Saúde bases factuais para convencer os Ministérios das Finanças, os parlamentos nacionais e outros intervenientes chave de que investir na saúde faz sentido do ponto de vista económico e de que terá um retorno considerável;
- 3) obter mais valor pelo dinheiro investido, demonstrando como a eficácia com que os recursos novos ou já existentes são injectados no sistema de saúde pode ser potenciada graças a um processo de definição de prioridades, com base nas tendências demográficas e no fardo da doença; e
- 4) mobilizar as lideranças, a nível nacional, regional e global, para que apoiem os sistemas nacionais de saúde da África, nos seus esforços para aumentar o ritmo e a sustentabilidade na procura de melhor saúde e maior desenvolvimento económico para as populações africanas.

Mais saúde equivale mais riqueza: Por que razão o investimento em saúde faz sentido, do ponto de vista da economia

Mais saúde equivale a mais riqueza. Além da saúde ter um valor intrínseco e ser um direito do Homem, a perspectiva económica de investir na saúde é uma medida sólida. A boa saúde não se prefigura apenas como um produto do desenvolvimento; ela é também uma das suas bases. Indivíduos saudáveis são mais produtivos, ganham mais, poupam mais, investem mais, consomem mais e trabalham mais tempo, todos estes aspectos têm um impacto positivo no produto interno bruto (PIB) de uma nação. As conclusões de um estudo sobre o impacto da saúde — em função da esperança de vida — sobre o crescimento económico, sugerem que um ano extra de vida faz crescer o PIB em 4%.

Uma melhor saúde reduz igualmente os custos financeiros dos cuidados de saúde para as famílias, comunidade, sector privado e governo.

Para as famílias, são muitas as possíveis consequências relacionadas com o custo dos cuidados de saúde. Em primeiro lugar, os custos podem ser proibitivamente altos, resultando em que o indivíduo tenha de renunciar ao tratamento. Em segundo lugar, para pagar os cuidados de saúde a família tem que vender bens produtivos, ou contrair dívidas. Em terceiro lugar, os custos com a saúde podem ter um impacto catastrófico e empurrar a família para a pobreza, ou agravar a situação se já era pobre. Estes desafios são especialmente pertinentes na África Subsariana, onde há poucos mecanismos como o seguro de saúde para a partilha dos riscos. A nível macro, a sociedade no seu todo beneficia com populações saudáveis, porque estas reduzem, para as empresas e os governos, os custos da prestação de cuidados de saúde, as perdas de produtividade, as taxas elevadas de lucro e os benefícios aos desempregados.





O contexto africano

Em termos globais, hoje em dia as pessoas são mais saudáveis, mais ricas e têm maior longevidade do que em 1990, o ano dos valores de base dos ODM. No entanto, os progressos foram desiguais e o fardo das doenças na África não é proporcional ao tamanho da população. Com 11% da população mundial, a África Subsaariana concentra 49% das mortes maternas, 50% das mortes de menores de 5 anos e 67% dos casos de VIH/SIDA.¹ Embora a África tenha conhecido algum avanço nos produtos da saúde, os progressos ainda são limitados. São muitos os factores que contribuem para a falta de progressos: falência na governação e responsabilização, instabilidade política, calamidades naturais, infra-estruturas subdesenvolvidas, sistemas de saúde deficientes e falta de harmonização e de alinhamento da ajuda.

Outros factores fundamentais que explicam a escassez dos progressos têm a ver com o modo como os sistemas de saúde são financiados. Em primeiro lugar, os recursos para estabelecer e sustentar os sistemas de saúde têm sido insuficientes. Em segundo lugar, os recursos disponíveis não têm sido gastos com eficácia, em parte pelo não uso sistemático de processos e instrumentos que definam prioridades no acesso aos escassos recursos. Em terceiro lugar, os recursos adicionais não têm sido distribuídos de modo eficaz. A África não é a única que usa ineficazmente os recursos. A nível mundial, entre 20% e 40% dos gastos com os sistemas de saúde são desperdiçados, sendo a percentagem ainda mais alta nos países mais pobres.² Nunca foi mais importante conseguir um uso eficaz dos recursos, novos ou já disponíveis. O crescimento

1 Eds Kinney MV, Lawn JE, Kerber KJ, *Ciência em Acção – Salvar as vidas das mães, dos recém-nascidos e das crianças da África*, ASADI, 2009

2 OMS. *Relatório da Saúde no Mundo de 2010 – Financiamento dos sistemas de saúde: a via para a cobertura universal*, Genebra, Organização Mundial de Saúde, 2010

demográfico e a melhoria dos padrões de vida trazem maiores exigências aos serviços de saúde. Além disso outros sectores, como a educação, transportes e infra-estruturas, competem pelos recursos a par da saúde. Isto vem realçar a necessidade de o sector da saúde demonstrar aos Ministérios das Finanças que é capaz de potenciar o impacto dos limitados recursos e obter mais valor pelo dinheiro investido.

A cinco anos de 2015, data limite dos ODM, os dirigentes africanos e os parceiros internacionais para o desenvolvimento dispõem de uma grande oportunidade. Juntos, podem melhorar a saúde de indivíduos, famílias e sociedades e podem contribuir para o crescimento regional em termos económicos e sociais, bem como para o desenvolvimento e a estabilidade política. Há processos estimulantes que devem ser prosseguidos. Realizaram-se esforços notáveis na melhoria da governação. É forte a vontade política de reforçar os sistemas de saúde e aumentar o fluxo de recursos para a saúde e há exemplos de sucesso na reforma da prestação dos serviços de saúde, por exemplo a partir de abordagens comunitárias.



Investimentos nos sistemas de saúde recomendados em África

São necessários processos cautelosos e sistemáticos na definição de prioridades que tenham em conta factores como as tendências demográficas, o fardo das doenças e o financiamento dos serviços de saúde, para garantir que os investimentos no sistema de saúde vão para onde sejam mais necessários e tenham como retorno o máximo de valor pelo dinheiro investido, em termos de melhoria dos produtos da saúde. Há que formular políticas que reforcem os sistemas de saúde, em parceria com os principais parceiros. Os recursos, novos ou já existentes, devem ser investidos no sector público como no privado, em função das suas vantagens comparativas; também devem ser investidos de modo a que ambos os sectores

funcionem como plataformas para progressos duradouros na saúde. É também necessário investir nas funções de governação e administração geral do governo, para traduzir as políticas em acções no terreno e promover a responsabilização do sistema de saúde.

A melhoria da qualidade e da oferta dos serviços de cuidados de saúde exigirá o reforço dos seus profissionais em termos qualitativos e quantitativos, assegurando a disponibilidade e uso racional dos produtos essenciais à saúde, o aperfeiçoamento dos equipamentos e sistemas de gestão da informação para a saúde e uma melhor construção, distribuição e manutenção das infra-estruturas sanitárias. Os planos de

investimento dos governos devem incidir na aquisição de capacidade institucional e de governação e na promoção da equidade no acesso aos serviços, descentralizando os sistemas de saúde e transferindo competências para as autoridades locais. Há dados que apoiam a ideia de que uma abordagem com base na equidade pode aumentar muito o retorno do investimento, ao evitar em maior medida a mortalidade materna e infantil e os episódios de raquitismo, nomeadamente alargando uma cobertura eficaz com intervenções chave de nível primário, em saúde e nutrição.

Os caminhos para o progresso na saúde são complexos e multifacetados e as políticas e investimentos noutros sectores têm enorme importância para os produtos da saúde. Para referir só alguns, entre as dimensões intersectoriais com uma incidência fundamental na saúde mencionam-se o saneamento e a higiene, a educação, a igualdade entre os géneros, melhores estradas, transportes, comunicações e acesso à água. A ligação aos outros sectores e a identificação de mecanismos que produzam sinergias intersectoriais devem estar presentes em todos os processos de planeamento e orçamentação da saúde.

Nível de investimento, resultados e melhoria do impacto do investimento

Há dados abundantes sobre qual o investimento necessário para reforçar os sistemas de saúde na África. O Cenário de Investimento para a África apoia as suas recomendações nas conclusões do Grupo de Trabalho de Alto Nível (HLTF) para um Financiamento Internacional Inovador dos Sistemas de Saúde, que calculou os níveis de investimento necessários para se atingirem os ODM relacionados com a saúde e sugeriu

mecanismos de financiamento para mobilizar os recursos necessários e garantir que eles sejam eficazmente distribuídos. Este cenário de investimento reconhece a necessidade de processos orientados pelos países para adaptar as decisões de investimento ao contexto específico do país, reconhecendo que esse processo se deve integrar nos modelos nacionais existentes de planeamento e orçamentação.



O HLTF usou duas abordagens na construção das estratégias de investimento: o Cenário Médio da Orçamentação de Custos Marginais de Estrangulamentos (MBB) e o Normativo da OMS. As estimativas decorrentes destas duas estratégias foram ajustadas ao Cenário de Investimento para a África. As duas estratégias identificam as prováveis necessidades de investimento adicional em 2011–2015, para lá e acima do já investido, nos países de baixo rendimento da África Subsariana, a fim de alcançar os ODM relacionados com a saúde:

- **Investimento anual *per capita*:** Em média, serão necessários anualmente, nos próximos cinco anos, mais 21 dólares americanos (Cenário Médio da MBB) a 36 dólares americanos (Normativo da OMS) *per capita*.
- **Total do investimento:** Para todo o quinquénio, prevê-se que o total do investimento adicional necessário se situe entre 84 mil milhões (Cenário Médio da MBB) e 140 mil milhões de dólares americanos (Normativa da OMS).
- **Níveis do investimento total só em 2015:** Ambas as estratégias admitem um nível comparável de necessidade de investimento adicional em 2015 — cerca de 28-30 mil milhões de dólares.



Este investimento pode salvar a vida de cerca de 3,1 milhões de pessoas e evitar o raquitismo em 3,8 a 5,1 milhões de crianças, só em 2015. Em 2011-2015, haveria um aumento de 2 a 2,8 milhões de profissionais da saúde e 58000 a 77000 novas unidades de saúde.

Só no ano de 2015, os benefícios económicos poderiam somar 100 000 milhões de dólares americanos. Com ambas as estratégias a prever a necessidade de investimentos adicionais de 28 a 30 mil milhões em 2015, o investimento na saúde da África tem potencial para significativos retornos do investimento — o rácio custo-benefício é quase de quatro para um.

No entanto, o aumento no financiamento não será suficiente. A eficácia e o impacto do uso dos recursos já existentes devem ser melhorados, antes de se injectarem novos fundos no sistema. Essa melhoria pode ser obtida graças a uma série de abordagens viradas para o nível e a fonte das despesas com a saúde, o local onde os recursos são investidos, as abordagens ao investimento e os mecanismos de distribuição dos fundos. Quanto aos níveis e fontes das despesas com a saúde, o Cenário de Investimento para a África recomenda um aumento na afectação de fundos à saúde por parte dos governos nacionais e a existência de políticas concorrentes que reforcem os mecanismos de protecção do risco financeiro, como o seguro de saúde, para reduzir os pagamentos directos dos utentes. Visto que alguns países não têm recursos suficientes para financiar os investimentos necessários, recomenda-se um aumento do Apoio Oficial ao Desenvolvimento a curto e médio prazo, com vista a reduzir, e em última análise eliminar, a ajuda dos doadores a longo prazo. Também é muito importante que os governos e os parceiros internacionais para o desenvolvimento colaborem no espírito da Declaração de Paris sobre a Eficácia da Ajuda e da Agenda do Gana para a Acção, de modo a harmonizarem as políticas e o apoio à luz da abordagem Um Orçamento, Um Plano e um Quadro de Resultados.

Antevisão

Prevê-se que os investimentos na saúde tragam benefícios consideráveis — tanto na perspectiva dos ganhos económicos como quanto às vidas salvas. Tais benefícios justificam os níveis de investimento sugeridos por este cenário de investimento, cuja proposta é de um aumento médio de 21 a 36 dólares americanos no investimento anual *per capita*, acima e além do que é presentemente investido, entre os anos de 2011 a 2015. Os aumentos no investimento devem surgir a par de mais eficiência e maior eficácia no uso dos investimentos novos e já existentes.

No geral, o Cenário de Investimento para a África recomenda que os governos e os doadores internacionais:

- 1) se empenhem mais no diálogo político entre os parceiros a nível nacional, regional e global,

sobre como utilizar o Cenário de Investimento para a África no processo existente e

- 2) usem as recomendações do Cenário de Investimento para a África para melhorar o cenário dos processos nacionais existentes de planeamento e orçamentação da saúde.

A Harmonização da Saúde para a África apoiará os governos na preparação dos seus cenários de investimento nacional ou subnacional e dos documentos de política e de advocacia correlacionados, através de apoio técnico à elaboração de análises que apoiem o diálogo político e documentos analíticos de base factual, processos de diálogo político, bem como políticas e planos. Também apoiará os países na revisão, monitorização e avaliação dos processos existentes, de modo a acompanhar o desempenho e os compromissos.





Em colaboração com



Créditos das fotos

WHO/Christopher Black, UN Photo/Christopher Herwig, WHO/Evelyn Hockstein, WHO/Marko Kotic, UN Photo/Albert Gonzalez Farran, IFRC/John Haskew, WHO,WHO/Christopher Black.

Design por Roberta Annovi.

